

Ninho Cheio, Geração Canguru: A Permanência do Filho Adulto em Casa Segundo a Perspectiva dos Pais

Mariana Grasel de Figueiredo¹
Ceneide Maria de Oliveira Cerveny²

Resumo

A presente pesquisa teve como objetivo compreender e analisar como os pais vivenciam o processo do prolongamento do tempo de permanência em casa do filho adulto solteiro. Buscando investigar este fenômeno, foi realizada uma pesquisa na cidade de São Paulo na qual foram entrevistados seis casais de pais com filhos na faixa etária dos 27 aos 35 anos, todos residindo com seus pais. A metodologia utilizada baseou-se em pesquisa qualitativa com delineamento no estudo de caso. A base teórica envolveu pesquisas e literatura sobre o fenômeno, bem como autores da teoria sistêmica e do ciclo vital. O conhecimento gerado demonstrou que os pais pesquisados vivenciam sem conflitos o prolongamento do tempo de permanência em casa dos filhos, qualificando positivamente o relacionamento com o filho adulto e não demonstrando preocupação significativa quanto à saída do filho adulto solteiro de casa. Constatou-se ainda que os papéis parentais destacam-se em relação aos conjugais. Foi percebido que o sucesso profissional dos filhos adultos solteiros contribui para a visão encontrada nos pais uma vez que gera um sentimento de vitória e dever cumprido nos mesmos.

Palavras-chave: parentalidade; relacionamento pais e filhos adultos; família.

Full Nest, Kangaroo Generation: The Parent's Perspective of Adult Children Remaining at Home

Abstract

The purpose of this study was to comprehend and analyze how parents work through the process of their adult single children remaining in

¹ Psicóloga graduada pela UFSC e Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Terapeuta de família e adultos. Docente de Psicologia.

² Psicóloga. Mestre em Psicologia Social pela PUC-SP e doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Professora pesquisadora da PUC-SP.

the parental home for an extended period. In order to investigate this phenomenon, research was undertaken in the city of São Paulo, in which six couples were interviewed, being in each case parents with adult children between the ages of 27 to 35. The method used was qualitative research with the case study approach. The theoretical base employed involved the cycle of life theory, systemic theory authors and researches and literature related to the subject. The knowledge developed with the data analyses demonstrated that these parents live at the same home with their adult children without conflicts. Parents describe the relationship with their adult children as a positive experience and they do not show significant preoccupations connected with the departure of the children from the parental home. The research also showed that the parental role is more in evidence than the marital role for these parents. It was verified that the professional success of the adult single children contribute for this concept observed in these parents, leading to a sense of accomplishment and success in the bringing-up of their children.

Keywords: *parenthood; parent-adult children relationship; family.*

Tornar-se adulto e permanecer morando na casa dos pais tornou-se lugar comum na sociedade contemporânea. Cada vez mais termos como: geração canguru, ninho cheio, filho bumerangue têm sido divulgados pela mídia e caracterizam a geração de filhos que apresentam um prolongamento do tempo de permanência na casa dos pais.

O ninho cheio é definido pela convivência e co-residência familiar prolongada através dos filhos cangurus e bumerangues. A geração canguru é descrita pelos filhos com idades, em média, entre 26 e 35 anos residindo em casa e o bumerangue refere-se àquele filho que, uma vez tendo saído da casa dos pais, independentemente do que o motivou, retorna ao lar (Mitchell, 2005).

A cultura brasileira em comparação com a cultura americana ou mesmo européia caracteriza-se por manter os filhos mais tempo em casa. Ingressar na universidade e permanecer na casa dos pais é visto como natural para as famílias brasileiras, diferentemente do que ocorre em outras culturas, que lançam os filhos ao mundo ainda na adolescência. No entanto, o aumento do tempo da convivência familiar na mesma casa é uma tendência que vem sendo mundialmente percebida e constatada através de pesquisas (Pais, 2005; Mitchell, 2005).

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), extraídos da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 40% de todas as famílias brasileiras em 2008 apresentavam moradores dentro

da faixa etária delimitada pela geração canguru (IBGE, 2010). Se considerarmos somente o universo das famílias com renda superior a 20 salários mínimos, foco deste trabalho, 66% dos jovens entre 25 e 29 anos residiam com os pais. Em 1993, a porcentagem era de 43%. Esse aumento também foi observado nos filhos na faixa etária dos 30 aos 34 anos que em 1993 era de 20% e passou para 29%.

Pensando nas diversas mudanças que a instituição familiar tem passado, o crescimento do fenômeno do ninho cheio vem retratar ainda mais esse quadro atual, somando-se a tantas outras transformações já percebidas ao longo dos anos na família, como o aumento do número de divórcios e recasamentos, os novos arranjos familiares, as conquistas da mulher no mercado de trabalho, as diferenças nos papéis de gênero, a presença mais ativa dos idosos na vida familiar e social, dentre outras.

Pensar sobre a família contemporânea, como pretendemos neste estudo, é pensar em todo o contexto no qual ela está inserida, uma vez que as transformações ocorridas na sociedade influenciam-na diretamente. Da mesma forma, é pensar famílias (Cervený & Berthoud, 2002), no plural, cada uma com suas singularidades, configuradas por padrões econômicos, sociais e culturais diversos, sem tender a generalizações, na qual suas questões não se resumem em uma teoria apenas, mas estão entre as teorias e os diversos campos de estudo.

A família contemporânea é uma realidade em transformação e as mudanças por ela vivenciadas, por sua vez, influenciarão a sociedade. Essa inter-relação é um dos conceitos-chaves do pensamento sistêmico. De acordo com essa concepção, a família, assim como todo organismo, é considerada como um sistema em constantes interações na qual cada um dos membros é interdependente do comportamento dos outros. O grupo familiar é entendido como um conjunto que funciona como uma totalidade, mas que a análise de uma família não é a soma das análises de seus membros individuais. “Os sistemas interpessoais como a família, podem ser encarados com circuitos de retroalimentação, dado que o comportamento de cada pessoa afeta e é afetado pelo comportamento de cada uma das outras pessoas” (Cervený, 2000, p. 25).

Família, ciclo vital e geração canguru

Uma das formas de olhar a família é através do seu ciclo vital, ou seja, das etapas na qual se desenvolve. Essas etapas não se referem a processos rígidos ou estanques, mas sim dinâmicos e em transformação, contextualizados social e historicamente. São etapas esperadas em todas

as famílias, apesar de vivenciadas de maneiras distintas (Cerveny & Berthoud, 2002).

Os critérios que definem essas etapas variam de acordo com os diferentes estudiosos da teoria do ciclo vital. Adotaremos nesta pesquisa aqueles propostos por Cerveny (1997), classificando o desenvolvimento da família como dividido em quatro etapas: fase de aquisição, fase adolescente, fase madura e fase última.

O presente estudo está inserido na terceira fase do ciclo, a fase madura. Quando os filhos atingem a idade adulta e encontram-se na mesma fase de vida dos pais, o sistema familiar configura-se de uma nova forma e passa a vivenciar a sua fase madura do ciclo vital. As principais características da família em fase madura são: a saída do primeiro filho da casa dos pais; a inclusão da terceira geração e parentes por afinidades; os cuidados com a geração mais velha e as mudanças no relacionamento conjugal.

Em relação às tarefas básicas do desenvolvimento familiar superadas nessa fase, Cerveny (1997) afirmou:

Os pais terão concretizado as tarefas básicas relativas ao status de adulto (consolidação profissional, sistema de regras e valores coerentes com o grupo cultural, manutenção do sistema familiar) e cumprido o papel de provedores, orientando e acolhendo os filhos durante toda a fase de desenvolvimento no lar. É chegado então o momento em que pais e filhos podem se reconhecer como pares: os filhos jovens alcançam o status de adulto e os pais o de adulto maduro (p. 106).

Com o prolongamento do período de permanência do filho adulto na casa dos pais essas questões e vivências da parentalidade se intensificam e ganham novos significados. Buscando delinear as famílias inseridas no fenômeno do ninho cheio, foi criada, dentro da fase madura do ciclo vital, a categoria “cuidando de um ninho que não se esvazia” (Cerveny & Berthoud, 2002).

A geração canguru estabelece-se no interior do ninho cheio e configura-o como tal. O aumento do tempo de escolarização, principalmente no que diz respeito às pós-graduações tão comuns de serem seguidas pelos jovens das camadas populacionais médias e altas, tem contribuído para o crescimento do fenômeno do ninho cheio. No entanto, tem sido avaliada a possibilidade da escolha do próprio filho adulto em continuar morando na casa dos pais, mesmo com a independência financeira atingida (Camarano, 2004; Féres-Carneiro, Henriques & Jablonski, 2004; Silveira, 2004). Essa

escolha é parte do que caracteriza a geração canguru. Nesse caso, as comodidades do lar parental somadas à liberdade geralmente oferecida pelos pais nessa fase da vida, contribuem para o prolongamento da convivência familiar, apesar de já possuírem a condição financeira para saírem de casa.

É comum os filhos cangurus nessas camadas populacionais buscarem salários condizentes com seus títulos e especializações, não se contentando com o primeiro emprego que lhes ofereça independência, mas desejando muitas vezes uma renda que possa lhes proporcionar um padrão de vida semelhante ao que possuíam na casa dos pais. Conforme Wagner e Wendling (2005) é neste estágio preparatório para a vida adulta que “o jovem começa a ensaiar-se em outros papéis tanto na esfera pública como na privada, ambicionando cada vez mais vantagens materiais que satisfaçam suas necessidades” (p. 124).

O ciclo da parentalidade

Tendo em vista o processo de mudança que ocorre ao longo do tempo na vivência parental, Berthoud (2003) desenvolveu uma teoria a respeito do ciclo da parentalidade. Nesta perspectiva, o exercício da parentalidade é compreendido por meio de re-significações da própria parentalidade, sendo construída e reconstruída ao longo da vida, uma vez que ocorrem constantes mudanças em função do desenvolvimento dos pais, dos filhos e dos movimentos do ciclo de vida familiar.

O ciclo da parentalidade identifica cinco estágios da vivência parental. São eles: *Cabe mais um?*- Construindo um espaço psicológico para o filho; *Mães conectam ao mundo do afeto, pais levam ao mundo real*- o nascimento de uma relação entre pessoas; *Fazendo um balanço*- a parentalidade no meio da vida; *Colhendo o que se plantou*- reconstruindo a relação com o filho e *O Filho-Outro*- construindo uma relação de parceria. Este último estágio compreende a abordagem desta pesquisa, uma vez que se trata da relação entre pais e filhos adultos.

O Filho - Outro é assim definido uma vez que, agora, para os pais, os filhos são como eles – outros adultos. Caracteriza-se pelo relacionamento de *iguais* entre pais e filhos e é um momento que suscita grandes mudanças nos papéis parentais (Berthoud, 2003).

De acordo com Berthoud, em um primeiro momento os pais sentem-se impactados ao perceberem que o filho começa a gerenciar a própria vida. As novas configurações que se estabelecem trazem mudanças nas negociações dos valores de autonomia, liberdade, individualidade e responsabilidade entre pais e filhos. As novas vivências em relação ao filho,

agora adulto, acabam surpreendendo os pais e levando-os a “se reverem como pessoas, para compreender e re-significar o como podem, agora, exercer a função parental” (Berthoud, 2003, p. 133).

Quando os filhos prolongam o tempo de permanência em casa, valores e regras acabam sendo reavaliados no relacionamento com os pais. O sentimento da iminência da saída de casa está sempre presente e quando os filhos saem, física ou simbolicamente, instala-se o que Berthoud (2003) chama de “crise de separação”.

Tomando como base o contexto exposto, a presente pesquisa investigou em famílias na fase madura, com filhos cangurus e caracterizadas pelo fenômeno do *ninho cheio* as seguintes questões: De que forma a experiência da parentalidade tem sido impactada pela co-residência com os filhos adultos? Quais sentimentos advindos desse processo têm permeado o subsistema parental? Como os pais têm percebido e vivenciado o prolongamento do período de permanência em casa do filho adulto solteiro durante a fase madura do ciclo vital?

Tendo em vista o pouco material disponível sobre o assunto, principalmente que busque investigar a perspectiva e os sentimentos dos pais e das mães, este estudo torna-se relevante uma vez que vem ampliar o conhecimento da Psicologia sobre as relações pais e filhos na atualidade; compreendendo *pais* no sentido amplo de pai e mãe. Dessa forma, visa contribuir com os profissionais da área da saúde auxiliando no trabalho com famílias na medida em que os informa. Possibilita, portanto, assumirem posturas de prevenção e intervenção frente às demandas que surgirem decorrentes do fenômeno.

Pesquisando famílias com filhos cangurus

Buscando uma melhor compreensão do fenômeno a ser estudado e tendo em vista os objetivos norteadores desta investigação, optamos pela utilização da abordagem qualitativa de pesquisa. A pesquisa qualitativa é requerida quando o problema de pesquisa demanda uma visão inter-relacional dos dados coletados para sua análise, tornando possível a inclusão do pesquisador a fim de co-construir os significados com o entrevistado. Proporcionando uma melhor compreensão do fenômeno, entende-o como uma realidade a ser construída. Esta construção acontece na interação do entrevistado e do entrevistador e não como uma realidade pré-determinada.

A pesquisa foi delineada como um Estudo de Caso Coletivo (Stake, 1995) na qual se procurou analisar os casos conjuntamente a fim de investigar o fenômeno do *ninho cheio* destacando tanto o que é comum entre as

famílias quanto o que é particular a cada uma.

Participaram desta pesquisa seis casais de pais que se encontravam na fase madura do ciclo vital possuindo um ou mais filhos adultos solteiros residindo com eles. Tendo em vista os objetivos deste estudo, foram realizadas entrevistas com o pai e a mãe conjuntamente. Para tanto, foram selecionados os casais de pais casados desde a primeira união e que ambos estivessem dispostos a participar juntos da entrevista.

As famílias foram selecionadas por indicação através do método denominado *bola de neve*. Esse método, de acordo com Turato (2003), localiza as pessoas pela indicação de conhecidos que, por sua vez, indicam outros possíveis participantes que estejam de acordo com os critérios da pesquisa. Em relação ao perfil do filho, os critérios considerados para a escolha dos pais participantes foram: filhos solteiros já inseridos no mercado de trabalho, com idade igual ou superior a 27 anos e inferior a 36 anos, residindo na mesma casa dos pais e que fossem provenientes de camadas médias populacionais urbanas. O referencial adotado para a classificação dos participantes em camadas médias foi o Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS) demonstrado pelo SEADE.

(Ver fig. 1, Anexo A)

Perfil dos pais e mães participantes e do filho adulto respectivo ³ Instrumentos

Foi utilizada a entrevista semiestruturada valendo-se de um roteiro norteador, conforme demonstrado a seguir, composto por temas relacionados aos objetivos da pesquisa que pudessem servir como um guia, auxiliando na apreensão dos conteúdos narrados pelos participantes. Assim sendo, o roteiro não foi utilizado de forma rígida e a partir dele e da forma como a entrevista desenvolveu-se, novas perguntas espontâneas puderam imergir.

1) Geralmente quando um casal tem filhos, imagina que estes um dia sairão de casa. Quando e como foi que vocês começaram a perceber que seu filho iria permanecer enquanto adulto morando com vocês?

2) Como é hoje o papel de cada um de vocês na vida desse filho adulto que mora em casa?

3) Como são negociadas com esse filho as questões de autonomia, independência e responsabilidade?

4) Como foi a saída de casa de vocês? Percebem alguma semelhança e/ou diferença com o filho adulto de vocês?

³ Por questão de sigilo os nomes empregados são fictícios.

5) O que mudaria na vida do casal com a saída do filho de casa? Como é vivida essa conjugalidade hoje?

6) Que conselhos vocês dariam hoje, a partir da experiência que vocês têm, para um pai que se dá conta que tem um filho nos 30 anos e permanece morando com ele?

Procedimentos

Os pais e mães indicados foram convidados para participar das entrevistas por meio de ligação telefônica feita pela própria pesquisadora. Durante o contato telefônico, antes da realização da entrevista, foram explicados o tema da pesquisa, os objetivos, o sigilo das informações fornecidas, a guarda do anonimato da família, a finalidade do uso das informações, bem como a possibilidade do entrevistado desistir de participar da pesquisa em qualquer momento que julgasse necessário. Após a explicação e o aceite da família em participar, foi informado a respeito do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O Termo continha os cuidados éticos da pesquisa, além da autorização da gravação e utilização dos dados coletados. Uma cópia original do termo ficou em posse dos entrevistados.

O local e horário da realização das entrevistas foram indicados pelos pais e mães participantes. Em todos os casos, a escolha deu-se pela residência dos mesmos, todas situadas na cidade de São Paulo. O tempo aproximado de duração das entrevistas foi de cinquenta minutos.

Uma entrevista piloto foi realizada antes do início da pesquisa propriamente dita a fim de ser verificada a consistência do instrumento e o tempo de duração da entrevista, além de tornar o instrumento familiar à pesquisadora.

Cuidados éticos

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP e obedeceu aos critérios estabelecidos em sua resolução. Para todos os pais e mães participantes foi lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foram respondidas as dúvidas relacionadas à pesquisa e à participação dos mesmos e então o Termo foi assinado em duas vias, ficando uma em posse dos entrevistados. O sigilo e a privacidade dos participantes foram garantidos à medida que os nomes foram alterados.

Análise de dados

Seguindo o caminho proposto nessa metodologia, a análise dos dados colhidos foi conduzida de forma qualitativa. Utilizaram-se ferramentas do método da Análise de Conteúdo (Bardin, 2002) que permitiram descrever o conteúdo das entrevistas, construir categorias para sistematizar o tema e relacionar os dados encontrados.

À medida que as entrevistas foram sendo analisadas, o conteúdo das mesmas foi sendo assimilado permitindo a sua exploração e comparações entre os conteúdos das entrevistas. Os dados foram ordenados observando-se os temas que apareceram em comum e que estavam em consonância com os objetivos de investigação da pesquisa. Desta forma as subcategorias emergiram e puderam ser agrupadas de modo a formar as categorias de análise.

O processo de análise das entrevistas teve como resultado a construção de cinco categorias, descritas da seguinte forma:

1. A permanência do filho adulto solteiro em casa
2. A convivência com o filho adulto solteiro em casa
3. Sentimentos envolvidos na parentalidade
4. Repercussões na parentalidade com a possibilidade de saída dos filhos de casa
5. A relação conjugal com a presença do filho adulto em casa

Apresentação e discussão dos resultados

Na primeira categoria foram descritas as percepções dos pais e mães acerca do prolongamento do tempo de residência do filho em casa, as razões apontadas pelos pais para a ocorrência do fenômeno e as semelhanças e/ou diferenças no tempo de permanência em casa entre pais e filhos. O momento específico no qual os pais começaram a perceber que o tempo de moradia do filho em casa estava se prolongando foi um dos pontos de destaque que emergiu das percepções dos pais, como pode ser exemplificado na fala do pai A:

“Eu nunca imaginei que elas com 30 anos iam estar aqui ainda... um dia desses elas tavam aí discutindo no quarto que vão trocar o beliche... (risos). Pô, com 30 anos vocês vão trocar o beliche... eu to pensando que vocês tão pensando em apartamento pra mudar e vocês tão pensando em trocar o beliche? Vão ficar mais quantos anos aqui? Até brinquei com elas... né e até me chamou a atenção isso.” [sic]

A fala deste pai também demonstra uma realidade da geração canguru

que, conforme afirmam pesquisadores (Camarano, 2004; Féres-Carneiro, Henriques & Jablonski, 2004), é uma geração que escolheu por opção continuar morando na casa dos pais, mesmo com a independência financeira atingida.

Outras percepções demonstraram que os pais entrevistados nunca haviam pensado de forma mais significativa no fato do filho adulto ainda não ter saído de casa. Para esses pais a saída se daria naturalmente com o casamento, podendo ser observado principalmente nas falas dos pais e mães de mulheres. As questões de gênero suscitam formas diferentes de entrada na vida adulta. Geralmente, as mulheres possuem menor aceitação familiar de sua autonomia e diferenciação (Carter & McGoldrick, 2001). As questões próprias desse momento da vida, como intimidade, identidade, espaços ocupados na família, na sociedade e das escolhas sobre casamento e trabalho, são lidadas de maneira diferente entre homens e mulheres (Salomoni, 2006).

Um dos fatores que pode contribuir para a naturalização do discurso sobre a permanência do filho adulto em casa foi proposto por Jablonski (2005) quando analisa os pais e mães que na época dos anos 60 estavam na idade que hoje se encontram seus filhos. O movimento de quebra de rigidez vivenciado por esses pais quando jovens acabou levando-os em um movimento contrário, proporcionando maior liberdade e comodidade no lar, consentindo com a permanência do filho e tornando a saída de casa pouco questionada, uma vez que os filhos ainda não optaram pelo casamento.

Dentre as razões apontadas para o prolongamento do tempo de permanência do filho em casa também se destacaram: insegurança, bom convívio familiar, apego à família, situação econômica do país, necessidade de fazer pós-graduação, poupar dinheiro, a liberdade que dispõe em casa e o conforto da casa dos pais.

A questão da existência de uma complementaridade por parte dos pais em relação ao comportamento do filho de permanecer em casa apareceu nas falas que compararam o fenômeno do ninho cheio a uma “bengala” emocional dos pais e mães que temem a solidão. Esta complementaridade pode-se apresentar como um dos fatores que se relacionam com a dificuldade dos filhos atingirem um maior grau de diferenciação do *self* conforme descrito na teoria de Bowen (1991). Não atingindo um grau adequado de diferenciação, os filhos não demonstrarão uma maior liberdade para desenvolver seus projetos de vida e desempenhar seus papéis na vida, podendo influenciá-los a não se desvincilharem do lar parental.

A falta de uma autonomia adequada gerando desorientação e dependência emocional na relação entre pais e filhos adultos já tem sido apontada

em pesquisas como consequência do fenômeno *canguru* (Henriques, 2003; Jablonski, 2005; Pais, 2005; Silveira, 2004).

As formas como pais e filhos adultos relacionam-se ao conviver sob o mesmo teto foi um tema que emergiu nas falas dos entrevistados e foram delimitadas através da segunda categoria - *convivência com o filho adulto solteiro em casa*.

De forma geral, percebeu-se dos pais uma avaliação positiva acerca dessa convivência. O bom convívio familiar tem sido apontado pelos pesquisadores (Féres-Carneiro, Henriques & Jablonski, 2004) como um dos fatores relacionados ao aumento do tempo de residência dos filhos na casa dos pais. Cabe ressaltar que o bom convívio relatado pode muitas vezes ser fruto de pouco contato entre pais e filhos, uma vez que esses filhos agora adultos possuem suas vidas, em grande parte do tempo, fora do lar parental, em função do trabalho e estudos.

As falas dos pais e mães, conforme relatadas a seguir, demonstraram uma qualificação positiva acerca da convivência familiar.

“Eu acho que é ótimo né” [sic] (mãe A).

“Eu não diria ótimo. Eu não vou ser otimista a esse extremo, mas é um relacionamento sereno, tem serenidade. Você não vê aqueles absurdos. . . Eu não classifico como ótimo porque sempre tem alguns probleminhas. . . É um convívio sereno” [sic] (pai A).

De forma semelhante a mãe F coloca,

“Ela tá na mesma sintonia que a gente, é agradável pra ela, é agradável pra mim” [sic].

A liberdade proporcionada aos filhos, ainda que dentro das regras da casa, a forma aparentemente tranquila com que os filhos se adequam a elas e o assumir de certas responsabilidades pelo filho adulto, também parecem contribuir para a baixa incidência de conflitos nas famílias pesquisadas.

Na pesquisa de Féres-Carneiro, Henriques e Jablonski (2011), na qual foi avaliada a relação entre pais/mães e filhos adultos no cotidiano familiar contemporâneo, destacou-se que ambos os lados *seguem tateando em busca de uma boa distância na relação, o que pode ser percebido através dos pequenos detalhes da convivência no dia-a-dia*. Nas famílias entrevistadas na pesquisa supracitada, também foi encontrada uma forte tendência à evitação de situações sujeitas ao conflito.

No decorrer das fases do ciclo vital da família bem como do ciclo da parentalidade, os papéis de pai e mãe vão sofrendo mudanças (Berthoud, 2003; Cervený & Berthoud, 2002). À medida que os filhos vão crescendo e tornando-se adultos menos cuidados e atenção exigem dos pais. No entanto, ao longo das entrevistas ficaram evidentes as atitudes dos pais que

demonstraram seus papéis sendo estendidos, independente da condição adulta atingida pelo filho. “Inconscientemente a gente continua criando eles como filho, como criança, chamando ele de Rodolfinho, Paulinho, Betinho. . . você passa. . . não sei se é uma carência sua por carinho, você continua tratando eles daquela maneira” [sic] (pai B). “Pra mim é uma criança, eu lavo roupa, passo, faço comida, me preocupo na hora dela chegar, da comida tá pronta...” [sic] (mãe D).

Cuidar de um ninho que não se esvazia é um dos desafios enfrentados pelos pais e mães na fase madura do ciclo vital. A forma como procederão nesse cuidado leva-os a permanecerem no papel de pais e mães cuidadores e, assim, não atingirem a fase de desenvolvimento pertinente a este momento da parentalidade. Voltar logo para casa depois do serviço a fim de jantar com os filhos adultos, realizar as tarefas domésticas relacionadas ao filho, conversar buscando acompanhar de perto os detalhes de sua vida, apareceram na pesquisa como atitudes que prolongam este papel.

Tais atitudes por parte dos pais podem complementar, por sua vez, a atitude dos filhos de permanecerem passivamente no cuidado de suas vidas, uma vez que elas continuam sob o cuidado dos pais. Diante desse cuidado tão presente, os filhos acomodam-se no lar parental, mesmo com condições financeiras para sair, e dessa forma a geração canguru vai delineando-se.

Em relação às questões financeiras, os pais relataram a independência dos filhos no sentido dos gastos pessoais. O único pai que afirmou exigir uma participação financeira dos filhos em casa, apesar da boa condição que desfruta, foi o pai A. De acordo com ele, essa postura dos filhos de arcarem com algumas despesas da casa contribui para desenvolver neles uma consciência de responsabilidade e valorização das coisas. Percebemos assim os valores de responsabilidade sendo negociados e cada vez mais estimulados pelos pais A, na medida em que suas filhas tornam-se adultas.

Com relação aos *sentimentos envolvidos na parentalidade*, pesquisados através da categoria três, percebeu-se que conviver com o filho adulto em casa é também conviver com a sua ausência, uma vez que, agora adulto e com compromissos mais definidos de trabalho, estudo e vida social, passa a permanecer cada vez menos tempo no lar parental. Diante dessa realidade, foram principalmente as mães que relataram durante as entrevistas o sentimento de preocupação despertado com este afastamento do filho da convivência diária. Pode-se também perceber diante das falas que o sentimento de preocupação das mães possibilita um maior controle sobre a vida dos filhos, levando-as a acompanharem seus horários, trajetos e atividades durante o dia.

É comum para as mães que se dedicaram ao longo de suas vidas

exclusivamente ao cuidado dos filhos e da casa sentirem de forma negativa a rotina adulta dos filhos. Além da preocupação constante com os mesmos, visto que continuam sendo o foco primeiro de suas vidas, podem sentir-se abandonadas, conforme relatado pela mãe A:

“Porque, preocupação, elas vão se desligando da gente, assim a gente não vê o que tá fazendo e agora também né, é muito difícil. A G. sai com o carro, eu fico preocupada. . . . No dia elas me ligam várias vezes. . . se elas não me ligam eu ligo . . . sabe . . . Eu sinto muita falta delas. . . e é horrível você ficar . . . porque elas não podem ficar ligando toda hora também, né . . . Você se sente abandonada, embora você tenha a casa pra cuidar, comida pra fazer e tudo mais... ” [sic] (Mãe A).

A satisfação dos pais em relação a possuírem seu ninho cheio foi outro sentimento em comum observado nas entrevistas. O sentimento de realização em decorrência da função parental sendo cumprida, ao mesmo tempo em que vão percebendo o bom desenvolvimento profissional e pessoal dos filhos, predominou nas falas dos pais e das mães.

Ver o filho estabilizando-se na vida profissional e poder ajudá-lo a construir algo mais sólido à medida que ele permanece em casa, podendo economizar nos gastos e fazer sua poupança, parece ser uma forma de apoio que traz satisfação aos pais e mães. É como se o fato da permanência dos filhos em casa fosse, na visão dos pais, um preparo para alçar vôos maiores, ou seja, saírem de casa, porém, mais preparados profissional e financeiramente do que estariam caso saíssem antes. Ao permanecerem em casa os filhos podem não apenas juntar dinheiro para adquirir melhores bens futuramente, mas também investir seu dinheiro em cursos de pós-graduação que os capacitem melhor para o mercado, o que para os pais e mães é sentido como orgulho e satisfação. Os sentimentos positivos envolvidos na parentalidade, bem como as características e os padrões de relacionamentos encontrados nas famílias contemporâneas (Wendling, 2002), podem contribuir para legitimar a atitude do filho de permanecer no lar parental, levando-o a sentir-se valorizado, admirado e cuidado frente à postura dos pais e mães.

No que diz respeito à categoria quatro, *repercussões na parentalidade com a possibilidade da saída dos filhos de casa*, sentir a falta em decorrência da separação pode caracterizar-se naquilo que já tem sido encontrado nas pesquisas sobre parentalidade (Camarano, 2003; Henriques, 2003): o sentimento de perda. Berthoud (2003) afirma que no momento da saída dos filhos, os pais costumam vivenciar uma crise a qual ela definiu como *crise de separação*.

Durante a entrevista, quando discorria sobre a possibilidade de saída

da filha adulta de casa, a mãe F emocionava-se. A esse respeito o pai F comentou em relação à esposa:

“ela vai chorar, ela vai achar falta. . . ela . . . porque isso é da natureza da mãe . . . é da natureza dela, eu acho legal, acho até normal . . . quando ela se emociona . . . no começo da entrevista, várias vezes eu pensei que ela ia chorar . . . (risos), mas eu sei que é dela, tá certinho . . . mas eu acho que quando ela [filha] resolver sair, ela [mãe] vai saber que é o momento certo, ela vai sentir muito e vai chorar, mas ela vai gostar de qualquer maneira . . .” [sic] (Pai F).

Apegar-se excessivamente ao filho pode ser visto como uma forma dos pais manterem os ganhos afetivos e evitarem as adaptações e mudanças que viriam com a saída dos filhos de casa. A tendência de naturalizar o papel de mãe como algo mais frágil, mais sentimental e mais vinculado aos filhos apareceu nos pais e mães entrevistados e permeia a forma com que os pais e mães lidam com o filho adulto em casa e a possibilidade de sua saída, fazendo distinção entre a mãe-afetiva e o pai-razional, conforme observado nesta pesquisa.

Traçar projetos para quando ficarem sozinhos em casa, sem os filhos, faz com que os pais percebam-se de forma mais independente, podendo inclusive ajudá-los a enfrentar de forma mais positiva a possibilidade da saída do filho de casa. Durante a entrevista o pai F afirmou que na rotina presente ele e a esposa já têm procurado ir atrás de novas atividades e projetos, preparando-se para quando for o momento dos filhos saírem de casa.

Com a saída dos filhos, a atenção volta-se para o casamento e é o momento de rever a relação a fim de adaptá-la à nova realidade. No entanto, é comum que o casal evite olhar para a conjugalidade, podendo inclusive apegar-se ao filho como uma forma de não enfrentar a nova condição do casal (Umberson & Needhan, 2004). Quando questionados sobre como seria a nova realidade conjugal depois que a filha saísse de casa, o pai e a mãe D afirmaram que *seria pior*. Ambos concordaram que a presença da filha em casa ajuda a trazer mais harmonia ao casal.

Percebe-se dessa forma que a filha do casal D pode estar assumindo o papel descrito por Jablonski (2004) de “guardiã da relação dos pais” e contribuindo para que a relação do casal não seja valorizada tal como é a relação parental. Por outro lado, o pai B expressou seu desejo de desfrutar de mais tempo com a esposa, uma vez que, na visão dele, até o presente momento a relação parental sobressaiu à conjugal; como demonstrou ser a vivência de todos os casais entrevistados.

O lançamento dos filhos da casa paterna, de acordo com Umberson e Needham (2004), pode trazer qualidade para o relacionamento conjugal

e a coabitação com um filho adulto pode contribuir para a perda dessa qualidade. No entanto, esse fato não foi destacado pelos pais e mães participantes da pesquisa, conforme foi percebido através da categoria de pesquisa cinco, a *relação conjugal com a presença do filho adulto em casa*.

A fase madura do ciclo vital, fase na qual todos os participantes desta pesquisa encontraram-se, é o momento propício para o casal redescobrir o prazer de estarem juntos, uma vez que o filho adulto passa a vivenciar uma rotina mais independente do lar parental, mesmo ainda residindo junto. No entanto, pôde-se observar através das entrevistas que apesar da presença física do filho adulto em casa ter diminuído, sua presença emocional continua de forma marcante, levando os pais e mães a continuarem vivendo em grande parte em função de seus filhos.

Considerações finais

Durante o processo de construção desta pesquisa, desde o resgate da literatura até as entrevistas e análises, alguns pontos, conforme destacamos a seguir, foram ficando evidentes e chamando a atenção das pesquisadoras.

A análise das entrevistas evidenciou a boa qualificação por parte dos pais e mães da convivência com o filho adulto em casa. Em nenhuma das famílias pesquisadas apareceu qualquer indício de um relacionamento estressante e nem foi classificado como ruim, por nenhum dos pais ou mães, o fato do filho mesmo adulto e com condições para sair, ainda permanecer residindo no lar parental. Essa vivência dos pais e mães é percebida em decorrência de alguns aspectos. A rotina atarefada dos filhos adultos leva-os a permanecerem pouco tempo em casa, reduzindo o tempo de contato com os pais e, conseqüentemente, reduzindo também as possibilidades de atrito. Constatou-se que a rotina desses filhos adultos parece ser muito independente da rotina da casa e mesmo da rotina dos pais e das mães. Em todos os casos pesquisados, os filhos adultos cursam, além da profissão exercida, um curso de pós-graduação, com exceção de uma das filhas que por excesso de trabalho ainda não havia conseguido terminar a pós-graduação, apesar de já tê-la iniciado uma vez e ter planos de continuar. Neste sentido, a atual realidade do mercado de trabalho de exigir do jovem uma qualificação cada vez maior contribui para o estabelecimento dessa rotina de pouco contato entre pais/mães e filhos adultos em coabitação.

Os pais e mães pesquisados apresentam características semelhantes entre si, não apenas no modo tranquilo com que avaliam a permanência do filho adulto em casa, mas também na forma de relacionarem-se com ele. Os filhos adultos em cada uma das famílias são vistos pelos pais e mães

com admiração. Relacionado a isso parece estar o fato dos filhos, nessas famílias, serem bem sucedidos profissionalmente, bem empregados em boas empresas, com ritmos acelerados de trabalho e estudo, gerando um sentimento de autossatisfação e *dever cumprido* nos pais e nas mães. É quase como se o filho adulto, nessas famílias, representasse um *troféu*, uma vitória da família, dada a valorização que esses pais e mães fazem da vida profissional dos filhos. Sendo assim, o filho não representa um *peso*, como muitas vezes a mídia ou mesmo o senso comum pode sugerir sobre aquele filho adulto que ainda reside em casa. Pelo contrário, pais e mães demonstram encarar a estadia do filho adulto em casa, mesmo com condições financeiras e idade para sair, como uma *fase* até ele decidir que é o momento certo de sair, e sentem-se felizes em poder ajudar o filho de alguma forma.

Além disso, não apareceu nas famílias pesquisadas uma preocupação significativa dos pais e mães sobre o momento da saída de casa dos filhos. De forma geral, os pais e mães parecem encarar esta, como uma realidade que deva acontecer naturalmente, mesmo que, em comparação com as gerações passadas, esteja ocorrendo tardiamente.

Por outro lado, foi percebido que algumas atitudes dos pais e mães podem estar complementando a permanência do filho em casa. Em algumas mães, por exemplo, fica explícito o intenso apego ao filho, representado através de uma necessidade constante de contato durante o dia e caracterizando uma dependência em relação ao filho. Fica dessa forma evidenciada a circularidade do fenômeno do ninho cheio nas famílias pesquisadas, uma vez que os filhos vão permanecendo em casa e encontrando muitas vezes no apoio dos pais uma razão para acomodarem-se ali.

As semelhanças encontradas entre as vivências dos pais e mães pesquisados podem estar relacionadas com a constituição similar dessas famílias. Todas provenientes de camadas médias e altas da população, com padrões mais tradicionais e conservadores da vida, com mães que trabalham em casa e pais já no final da carreira profissional, alguns inclusive aposentados.

Apesar do perfil de pai e mãe encontrado e da semelhança de conteúdo nas falas, é importante ressaltar a diversidade com que outras famílias em outros contextos poderiam vivenciar o fenômeno do ninho cheio, uma vez que o mesmo não se trata de uma categoria homogênea de estudo. Sendo assim, torna-se importante o nascimento de novas pesquisas que investiguem o tema em outras realidades sociais, econômicas e culturais.

Dentre os seis casais de pais e mães participantes deste estudo, as principais diferenças constatadas foram as que dizem respeito ao gênero

do filho. No caso dos pais e mães de filhas mulheres a concepção da permanência em casa e da saída é vista de forma muito natural, principalmente pelo fato de ainda estar muito relacionada aos padrões tradicionais de casamento, delineando uma interessante questão de gênero.

Outro resultado possível de observar foi referente ao papel parental. Mesmo sofrendo mudanças e construindo novas formas de parentar com o filho adulto, os papéis parentais parecem ser supervalorizados pelos pais e mães em termos de sentimentos e qualidades, aparecendo em segundo plano as vivências e papéis conjugais. Sendo assim, cabe aqui a reflexão sobre o quanto esses pais e mães podem estar perdendo em termos de suas relações conjugais ao priorizarem os seus papéis parentais.

Durante muito tempo pesquisas relataram o impacto que a saída dos filhos de casa tinha nos pais, caracterizando o fenômeno do *ninho vazio*. No entanto, fica evidenciado nas famílias contemporâneas que este fenômeno perdeu força, não apenas pelo nascimento do fenômeno do *ninho cheio*, mas também porque o próprio *ninho cheio* parece preparar os pais para o *ninho vazio*, uma vez que o prolongamento do tempo dos filhos em casa vai tornando a ideia da saída mais aceitável.

O fenômeno do *ninho cheio*, principalmente dentro da perspectiva dos pais, ainda é um tema recente e pouco estudado. Na reflexão proveniente deste estudo destaca-se o fenômeno do *ninho cheio* como uma nova categoria dentro da fase madura do ciclo vital da família. Antes, a saída da casa dos pais era uma característica marcante e, hoje, a fase madura é marcada pela coabitação do filho adulto solteiro no lar parental.

Referências

- Bardin, L. (2002). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Berthoud, C. M. E. (2003). *Re-significando a parentalidade: Os desafios de ser pais na atualidade*. Taubaté: Cabral Editora Universitária.
- Bowen, M. (1991). *De la familia al individuo. La diferenciación de si mismo en el sistema familiar*. Barcelona: Paidós.
- Camarano, A. A. et al. (2003). Transição para a vida adulta: Novos ou velhos desafios? *Boletim Mercado de Trabalho: Conjuntura e Análise*, 21, 53-66.
- Camarano, A. A. (2004). Caminhos para a vida adulta: As múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. *Última Década*, 21, 11-50.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (2001). *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cervený, C. M. O., & cols. (1997). *Família e ciclo vital: Nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Cervený, C. M. O. (2000). *A família como modelo. Desconstruindo a patologia*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cervený, C. M. O., & Berthoud, C. M. E. (2002) *Visitando a família ao longo do ciclo vital*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Féres-Carneiro, T., Henriques, C. R., & Jablonski, B. (2004). A geração canguru: algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. *Revista PSICO*, 35, 195-205.
- Féres-Carneiro, T., Henriques, C. R., & Jablonski, B. (2011). Um jogo interativo: a relação entre pais e filhos adultos no cotidiano familiar contemporâneo. *Revista Psico*, 42, 236-245.
- Governo do Estado de São Paulo. (2006). O IPVS. SEADE. Retirado em 07/06/2006, do SEADE (*Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados*). <http://www.seade.gov.br>
- Henriques, C. R. (2003). *Geração canguru: O prolongamento da convivência familiar*. Dissertação de mestrado não publicada. Mestrado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.
- IBGE-SIDRA. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios*. Acesso em mar. 2010.
- Jablonski, B. (2005). Atitudes de jovens solteiros frente à família e ao casamento: novas tendências? In T. Féres-Carneiro (Org.). *Família e casal: efeitos da contemporaneidade* (pp.93-110). Rio de Janeiro: PUC-Rio.
- Mitchell, B. A. (2005). *The boomerang age: transitions to adulthood in families*. Canadá: Transaction Publishers.
- Pais, J. M. (2005) *Ganchos, tachos e biscoitos: Jovens, trabalho e futuro*. Lisboa: Ambar.
- Salomoni, S. R. (2006). *Do singular ao plural e do plural ao singular. A rede de relacionamentos do filho único adulto jovem*. Dissertação de mestrado não publicada. Mestrado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- Silveira, P. G. (2004). *Ninho cheio: A permanência do adulto jovem em sua família de origem*. Dissertação de mestrado não publicada. Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade. Pontifícia Universidade Católica, Rio Grande do Sul.
- Stake, R. (1995). *The art of case study research*. London: Sage Publications.
- Turato, E. G. (2003). As definições de métodos qualitativos na literatura das ciências humanas e da saúde. In E. G. Turato *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa* (pp. 189-194). Petrópolis: Editora Vozes.
- Umberson, D., & Needhan, B. L. (2004). Parenthood, parenting, and marital interactions. In V. Bengston, V., A. Acock, K. Allen, P. D. Anderson, & D. Klen, *Sourcebook of Family Theory & Research*. London: Sage

Publications.

- Wagner, A., & Wendling, M. I. (2005). Saindo da casa dos pais: A construção de uma nova identidade familiar. In A. Wagner (Org.): *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre: Edipucrs.
- Wendling, M. I. (2002). "Asas para voar, raízes para voltar": a saída dos filhos da casa dos pais. Dissertação de Mestrado não publicada. Pontifícia Universidade Católica, Rio Grande do Sul.

Endereço para correspondência

marianagdf@yahoo.com

Enviado em 10/02/2012
1ª revisão em 12/04/2012
2ª revisão 16/06/2012
Aceito em 20/06/2012

Anexo A
Fig. 1

Casal de pais	pai e mãe A	pai e mãe B	pai e mãe C	pai e mãe D	pai e mãe E	pai e mãe F
Idade dos pais	54 e 55	55 e 49	60 (aproximado)	71 e 67	55 (aproximado)	55 e 51
Profissão dos pais	Economista e dona de casa	Diretor de empresa e dona de casa	Gerente adm (aposentado) e dona de casa	Comerciante (aposentado) e dona de casa	Empresário e gerente administrativo	Comerciante e dona de casa
Nome do filho adulto co-residindo*	Grace, Dirce e Cris	Rodolfo	Vinícius	Soraia	Ralf	Carla
Idade do filho adulto	30, 29 e 27	31	28	33	27	27
Profissão do filho adulto	Engenheira, fisioterapeuta advogada	Engenheiro mecânico	Designer	Administradora	Engenheiro de produção	Publicitária
Escolarização do filho adulto	Pós-graduação	Pós-graduação	Pós-graduação	Pós-graduação	Pós-graduação	Iniciou e parou a Pós
Irmãos*		Beto (29) e Paulo (24)	Rogério (26) e Dulce (30)	Márcio, Renato, Alexandre	Cristina (23) e Samuel (22)	Guto (23)